



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
DOUTORADO EM FILOSOFIA**

**JORGE LEANDRO SHORT FONTES**

**A FORMAÇÃO DE UMA ÉTICA DO HOMEM ABSURDO EM ALBERT  
CAMUS.**

Salvador  
2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
DOUTORADO EM FILOSOFIA**

**JORGE LEANDRO SHORT FONTES**

**A FORMAÇÃO DE UMA ÉTICA DO HOMEM ABSURDO EM ALBERT  
CAMUS.**

Anteprojeto de pesquisa apresentado pelo candidato Jorge Leandro Short Fontes no processo de seleção para ingresso no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia

Linha de Pesquisa: “Filosofia e Teoria Social”.

Salvador  
2017

## SUMÁRIO

|                                 |           |
|---------------------------------|-----------|
| <b>1. TEMA.....</b>             | <b>3</b>  |
| <b>2. OBJETO.....</b>           | <b>3</b>  |
| <b>3. OBJETIVOS.....</b>        | <b>7</b>  |
| 3.1. OBJETIVO GERAL.....        | 7         |
| 3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS..... | 7         |
| <b>4. JUSTIFICATIVA.....</b>    | <b>8</b>  |
| <b>5. METODOLOGIA.....</b>      | <b>9</b>  |
| <b>6. CRONOGRAMA.....</b>       | <b>11</b> |
| <b>7. REFERÊNCIAS.....</b>      | <b>12</b> |

## 1. TEMA

A Formação de uma Ética do Homem Absurdo em Albert Camus.

## 2. OBJETO

Camus é um dos pensadores de maior destaque do contexto francês pós guerra, posto que, entre outros fatores, suas obras refletiram a incoerência e contradição do cenário europeu, fornecendo aos seus contemporâneos uma leitura consentâneo com o ambiente incoerente fomentado por ideologias diversas. Inicialmente, relativamente a sua produção literária, ele chamou atenção com a obra ‘O Estrangeiro’, ganhando reconhecimento internacional, todavia, com a publicação de ‘A Peste’. Com base no discurso que proferiu na Suécia em 1957, ao receber o Prêmio Nobel, e no conjunto de sua produção literária, a crítica francesa divide a produção camusiana em quatro fases: 1) a primeira, intitulada de ‘período da literatura solar’, reúne obras como ‘O Aveso e o Direito’, ‘Núpcias’ e ‘O Verão’; 2) uma segunda fase, reconhecida como ‘A Fase do Absurdo’, composta por obras como ‘O Estrangeiro’, ‘O Mito de Sísifo’ e ‘Calígula’; 3) um terceiro momento, denominado de ‘A Fase da Rebeldia’ e pode-se indicar como exemplares de produção desta fase ‘A Peste’, ‘O Estado de Sítio’, ‘Os Justos’ e ‘O Homem Revoltado’; 4) por fim, a quarta etapa, nomeada como ‘A solidão e a Dúvida’, compõe-se de obras como ‘A Queda’, ‘o Exílio e o Reino’ e ‘O Primeiro Homem’.

Para Oliver Todd<sup>1</sup>, claramente, um tema aparece reiteradamente nas obras de Camus: o homem despojado da ideia de Deus, enquanto fundamento da existência, e consciente da limitação da razão como veículo de tradução da realidade. Em outros termos, tematiza-se a possibilidade de significar e doar sentido para existência sem o recurso a essas duas instâncias, ou seja, sem o recurso ao divino e à razão absoluta. Nesse ambiente, Camus coloca o questionamento sobre o suicídio, reconhecendo neste o problema fundamental da filosofia.

Segundo ele, antes de qualquer outra indagação de cunho filosófico, é imperioso questionar-se se a vida vale ou não a pena ser vivida, se a sorte da escolha pela vida ou pela morte deve ser condicionada pela resposta à pergunta se a vida tem ou não sentido. O primeiro parágrafo de ‘O Mito de Sísifo’ confirma essa posição. Aí, Albert Camus dissipa qualquer

---

<sup>1</sup> Todd, Oliver. Albert Camus - Uma Vida - Tradução de Monica Stahel. Ed. Record, 1988.

dúvida sobre seu objeto: ‘só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é responder a pergunta fundamental da filosofia.’<sup>2</sup> O julgamento que o autor refere, não é de lógica. Não se responde a essa indagação com um “sim” ou “não”. De outro modo, o questionamento sobre o suicídio vincula-se, ou melhor, remete ao sentido que preenche o conteúdo da realidade humana, campo no qual os números não têm importância. Nesses termos, trata-se de problematizar o *non-sens*, lastro do conceito de absurdo.

Destaca-se que o questionamento posto por esse pensador não deve ser interpretado restritivamente a referir-se simplesmente a uma alteração biológica da matéria humana. Não é a morte do corpo físico que constitui o problema fundamental da filosofia, mas a morte da própria vida num corpo que ainda vive. Nessa perspectiva, ‘Suicídio’ vincula-se ao desvelamento semântico do conjunto de circunstâncias assimiladas pelo homem durante sua existência e a constatação da falsidade intrínseca dos sentidos com os quais esse mesmo homem pretendeu traduzir a realidade. Dito de outro, a realidade constitui o feixe de sentidos que doam sentido para as relações que o homem trava durante sua existência e que consistem em projeções racionais derivadas de uma pretensão ilusória que o mundo poderia ser traduzido totalmente em razão. Ao constatar esse fato, o real se dissolve diante desse modo de ser humano. Suas razões não mais se sustentam e o suicídio (seja filosófico ou corpóreo) torna-se uma alternativa a vida que aparece.

Nessa linha, e considerando o acento filosófico dessa matéria, as seguintes questões podem ser levantadas: a) se e em qual medida o suicídio é uma saída legítima para um mundo desprovido de sentidos absolutos ou, em outros termos, se e em qual medida o suicídio é o contraponto necessário face a concepção de absurdo em Camus; b) quais os fatores que precedem o absurdo e que determinam o sentido ilusório de realidade; c) ante a absurdidade da existência humana, é possível a fixação de bases metafísicas para uma vida absurda?, ou seja, é possível construir uma ética suficiente para a vida simplesmente?

A fim de responder tais questões, o desenvolvimento da concepção de absurdo em Camus é de suma importância, já que o desvelamento de seus elementos constituintes permite entender o conflito a que o sujeito é exposto em um estado de absurdidade. Essencialmente, a concepção de absurdo indica um descompasso entre a tendência humana de pensar o mundo

---

<sup>2</sup> Camus, Albert. O Mito de Sísifo; tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. – 11ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2014, Pg.17.

em termos absolutos e o mundo que não corresponde a esta pretensão, revela o momento no qual o ser humano conscientiza-se da ausência de coerência entre os gestos diários que realiza –e que consubstanciam sua vida- e a própria vida. Em outros termos, a percepção do absurdo denuncia a falta de correspondência entre as expectativas do homem sobre o mundo e o mundo que não é, em si, absolutizável.

Sartre, no prefácio da edição da edição portuguesa de ‘O Estrangeiro, escreve’:

“certo é que o absurdo não está no homem nem no mundo, se o tomarmos separadamente; mas, como é o caráter essencial do homem o estar-no-mundo, o absurdo é, em suma, unitário com a condição humana. Por isso, não é em primeiro lugar o objeto de uma simples noção: é a iluminação desolada que no-lo revela. Então, se sabemos recusar o socorro enganador das religiões ou das filosofias da existência, temos algumas evidências essenciais: o mundo é um caos, uma “divina equivalência que nasce da anarquia”; -- não há amanhã, visto que se morre. “...num universo subitamente privado de ilusões e luzes, o homem sente-se um estrangeiro”.<sup>3</sup>

E, alguns folhas depois, ele continua:

“O absurdo fundamental manifesta antes um divórcio: o divórcio entre as aspirações do homem à unidade e o dualismo intransponível do espírito e da natureza, entre o impulso do homem em direção ao eterno e o caráter finito de sua existência, entre a preocupação que é sua própria existência e a inutilidade de seus esforços. A morte, o pluralismo irreduzível das verdades e dos seres, a inteligibilidade do real, o acaso, eis os polos do absurdo”.<sup>4</sup>

Para Camus, nessa linha, a percepção e consciência do absurdo revela-se como causa de duas conseqüências possíveis: o suicídio ou a vida. Pois, é na posse deste estado que o sujeito decide se é possível viver sem a ajuda de valores eternos, se ele pode conviver com um mundo que não apresenta um sentido último, ou seja, se é possível viver num mundo sem Deus, esperança ou qualquer artifício que confira uma razão ilusória para viver.

Todavia, o absurdo não surge desatado de um contexto, de um plano de fundo que lhe suporta. Nesse perspectiva, desenvolver as condições de possibilidade para a percepção e conscientização desse estado é um passo necessário para uma compreensão coerente e global dos traços que delimitam as barreiras para construção do conceito de absurdo em Camus.

---

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_, Albert. *O Estrangeiro*. Lisboa : Edição Livros do Brasil, 1997.

<sup>4</sup> Ibidem.

Entender o absurdo, de certo modo, é entender quais circunstâncias privaram por tanto tempo o homem do contato com este descompasso existencial.

Um desses pressupostos remonta ao paradigma científico que surgiu no século XVI e teve seu ápice entre os séculos XVII e XIX. A pretensão humana de a tudo racionalizar, que propicia o ensejo para a constatação do absurdo, finca suas raízes com o nascimento da racionalidade moderna. Para Boaventura de Souza Santos, autor que servirá de guia para percorrer o surgimento, ápice e declínio desse modelo de racionalidade, o padrão epistemológico moderno funda-se justamente na premissa de traduzir o mundo em termos racionais e o afirma não sem razão. Segundo Galileu, representante desse momento histórico, o ‘livro do mundo’ estava escrito em uma escala geométrica e, na mesma direção, Descartes e Bacon filavam-se a ideia que a realidade era uma *res extensa* a ser dominada pelo conhecimento humano. Todo e qualquer conhecimento, para ser válido, deveria ser produzido com base em um determinado método científico que forneceria o rigor necessário para aferir os únicos resultados possíveis.

Por outro lado, outros fatores se avolumam a este enquanto causas condutoras do homem a encruzilhada acima indicada: vida ou morte. Assim, chega-se ao hábito. A investigação sobre o hábito, ou seja, sobre os fatores condicionantes da existência humana (como causas da reprodução maquinal dos atos igualmente humanos e da criação de um mundo com base em valores absolutos) é ressaltada em diversas obras por Camus, especificamente em ‘O Mito de Sísifo’ e em ‘A Peste’. O questionamento ‘por que fazemos o que fazemos do modo como fazemos?’, ou melhor, ‘por que os seres humanos repetem mecanicamente os seus atos no presente e vivem sob a ilusão ou a esperança de um futuro?’ exsurge desses textos e possibilita a percepção do véu que faz as vezes de realidade. O hábito, nessa perspectiva, surge como resposta para o aspecto mecânico dos gestos humanos, sua pantomina desprovida de sentido ou, de outro modo, como condição de existência de uma realidade aparente.

Todavia, em um determinado momento de sua vida, o ser humano percebe o iniludível descompasso entre o mundo que vê e aquele que costumava enxergar. A visão de mundo que ele possuía não se adequa mais à dinâmica de mundo que perpassa seus olhos. O absurdo é notado e, a partir deste momento, o questionamento sobre o suicídio torna-se uma possibilidade real.

A partir desse instante, ou seja, a partir do momento no qual o homem encontra-se em contato com a absurdidade da existência, apenas dois rumos são possíveis para Camus: ou o sujeito decide viver, pois reconhece que a vida não precisa de um sentido para ser vivida; ou opta pelo suicídio. Neste último caso, é possível traçar, conforme transparece o conjunto da produção filosófica desse pensador argelino, as seguintes atitudes representativas do ‘abandono da vida’: a) o suicídio do corpo; b) suicídio da mente ou alma e; c) apego a esperança.

Todas as opções elencadas representam, na visão do autor, um ato de negação da existência. Isto porque, para ele, a constatação que a vida não tem sentido é um truísmo, ou seja, é uma verdade evidente. O melhor da vida é a própria vida e qualquer sentido que a desloque para o futuro é, em verdade, sua mais autêntica negação. O que se questiona, a partir desse ponto, é por que o suicídio deveria ser a resposta para tal constatação? De outro modo, a vida para ser vivida deve corresponder a um ideal que desloca o indivíduo para uma concepção ilusória da vida (que para esse pensador é o mesmo que não viver)?

Desse modo, ante a constatação da falta de relação necessária entre a ausência de sentido absoluto para vida e o suicídio, com razão, questiona-se: é possível viver num mundo desprovido de sentido, sem esperança, onde se reconhece a limitação da razão em sua pretensão de a tudo conhecer? Em ‘O Homem Revoltado’, Camus responde positivamente, fundamento sobre a qual conjectura-se a construção das bases para uma Ética do Homem Absurdo. O sentimento absurdo que toma um homem, que possui o seu ser e angustia sua alma, ante a constatação da ausência desse sentido último da vida, é o mesmo sentimento que toca um outro homem e provoca nele apreensões de igual natureza. Com base nessa constatação, é possível fornecer ao homem uma ética sua, princípio de unidade para uma vida humana em um ambiente pós relativismo e pós cientificismo absoluto. É o princípio da solidariedade que brota do homem. O que nos deixa tão sós em um estado de desamparo e solidão é justamente o que fornece o ensejo para o homem reconhecer no outro a si e daí concluir que não estamos sós. Menciona Camus: nos revoltamos (com nossa própria condição), por isto existimos. O fato de o absurdo atingir sem diferenciação todos os homens torna possível que todos eles compartilhem um mesmo *logos*, no qual todos se tornam um e encontram na ausência de sentido objetivo o sentido que os une, que lhes fornece um propósito. Em outros termos, o encontro no absurdo fornece o ambiente necessário para que o homem encontre sua humanidade com suporte no princípio revolta-solidariedade. Precisamos ser construtores de nossa própria realidade.



### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1. OBJETIVO GERAL**

Pretende-se explorar a relação entre o suicídio e o absurdo na obra de Albert Camus e se há uma relação necessária entre estes dois eventos.

#### **3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Objetiva-se:

- a) explorar e desenvolver o conceito de absurdo em Albert Camus;
- b) desenvolver as condições de possibilidade para o surgimento do absurdo ou explorar o conceito de hábito;
- c) elencar e desenvolver as espécies de suicídio que o agente pode cometer ante a percepção e conscientização da absurdidade entre o homem e o mundo;
- d) responder de há um relação necessária entre a ausência de sentido absoluto no mundo e o suicídio;
- e) fornecer as bases para uma Ética do Homem Absurdo

### **4. JUSTIFICATIVA**

O suicídio é um tema recorrente na história humana. Desde tempos imemoráveis até o presente, o ato de abando voluntário da vida é realizado em diversos contextos e por causas diversas. Albert Camus, considerando a gravidade de tal ato, reconhece que se deve atribuir às razões que levam ao cometimento do suicídio um lugar superior em relação às demais questões filosóficas, já que somente as razões desse ato conduzem ao gesto definitivo de negação da vida: a morte voluntária. As demais indagações filosóficas, por decorrência lógica, são secundárias e, portanto, devem ser consideradas tão somente após a decisão pelo valor da vida.

Fixada a prioridade do suicídio entre os problemas filosóficos, a pergunta pelas razões que conduzem a este ato decorre naturalmente. Sabe-se que, em algum momento de sua vida, o ser humano julga serem insubsistentes as razões que proviam sua visão de mundo. O sentido

absoluto atribuído ao real é perdido em decorrência da percepção e consciência do descompasso entre as projeções de mundo que um determinado ‘eu’ sustenta e o mundo que não corresponde mais a essas expectativas humanas. Por esse motivo, Camus diz que ‘em toda parte o absurdo nasce de uma comparação (...) que o sentimento de absurdo não nasce do simples exame de um fato ou de uma sensação, mas sim da comparação entre um estado de fato e uma certa realidade, uma ação e o mundo que a supera.’<sup>5</sup> O homem, nessa situação, se liberta dos antolhos (que lhe obrigava a atribuir um sentido unidirecional ao mundo) e torna-se prisioneiro de suas próprias verdades ou, ainda segundo Camus, ‘um homem é sempre vítima de suas verdades. Uma vez que as reconhece, não capaz de se desfazer delas.’<sup>6</sup> Para esse estado, no qual o ser humano sente-se um estrangeiro em solo nacional, esse filósofo cunha a noção de absurdo.

Essa noção traduz um ser-humano caracterizado pela tensão entre dois polos: o homem e o mundo ou entre uma pretensão humana racionalizadora e o mundo não racionalizável (em termos absolutos). A percepção e consciência do absurdo nesses termos desperta o homem de uma vida maquinal na qual julgava o mundo um lugar certo e previsível, um lugar para realização de um sentido absoluto para vida. Neste ponto, ou seja, no instante em que percebe que sua vida é uma pantomina desprovida de sentido, o ser humano é posto ante a seguinte bifurcação: vida ou morte. Muitos optam pelo suicídio porque consideram já não subsistir razão para viver. Todavia, neste caso, poder-se-ia perguntar se a decisão pelo suicídio deve ser condicionada pela constatação da ausência de sentido absoluto para vida ou, em outros termos, se a morte voluntária é o contraponto necessário para a absurdidade do mundo.

Para entender se essa relação é necessária, deve-se explorar nas obras Camusinas não só o conceito de absurdo e o que este autor entende por suicídio, mas igualmente as condições de possibilidade para a percepção e consciência do absurdo ou o contexto que precede a realização da pergunta definitiva. Com base nesses elementos, é possível, então, responder se o homem pode viver ou não nesse cenário árido proporcionado pelo sentimento de absurdo, se é possível viver sem esperança e cômico da vida delineada pela condição humana.

Logo, a simples leitura do enunciado temático deste projeto fornece o indício da importância filosófica, mas também prática, do objeto desta pesquisa. O estudo do suicídio, bem como do percurso que antecede o gesto final de abandono da vida, é topicamente anterior

---

<sup>5</sup> Ibidem, Pg.45.

<sup>6</sup> Ibidem, Pg.46.

a qualquer outro problema filosófico ou, de acordo com Camus, é o único problema realmente sério da filosofia.

Sob esse anteparo ou em concomitância a ele, a noção de absurdo evidencia em si mesma sua função no entendimento da questão acima indicada. Isto porque, o estudo do absurdo Camusiano revela as bases racionais, religiosas e filosóficas, que se encontram no ato de suicídio. E, ao fazê-lo, erige os pressupostos para a crítica da tendência moderna e contemporânea de traduzir em termos absolutos o mundo. Deste modo, este pensador oferece uma alternativa para uma visão monolítica da realidade contribuindo, por este motivo, para evitar a decisão pela morte decorrente desta visão.

Assim, o estudo dos conceitos acima indicados, bem como da relação entre eles, desvela o limite da razão humana e esclarece que a percepção e o convívio consciente com esta limitação é o caminho para vida e não para o suicídio. Disto, decorre a relevância da nossa pesquisa.

## 5. METODOLOGIA

O desenvolvimento da pesquisa aqui proposta perpassa essencialmente pela análise conceitual do absurdo e do suicídio presente nas obras de Albert Camus, especificamente em ‘O Mito de Sísifo’ e em ‘O Homem revoltado’. Apesar desses termos já terem aparecido na história da Filosofia Ocidental, em Camus a eles são atribuídas semânticas diversas, motivo este que, *per se*, aponta o viés necessário para a realização deste projeto.

Com o objetivo de responder se e em qual medida o suicídio é a resposta necessária para a percepção e consciência da absurdidade do mundo ou, segundo Camus, por que ‘as pessoas deixam-se matar pelas ideias ou ilusões que lhes dão uma razão para viver’<sup>7</sup>, deve-se explorar - além dos conceitos acima indicados -, as noções de hábito e razão na obra desse autor.

---

<sup>7</sup> Camus, Albert. O Mito de Sísifo; tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. – 11ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2014, Pg.18.

A importância da noção de hábito para o tema desse projeto é significativa, posto que desvela o contexto que antecede a percepção do absurdo, bem como o gesto definitivo de abandono da vida.

Por outro, a noção de razão em Camus permite entender um aspecto específico da condição humana sem a qual o próprio conceito de absurdo não seria possível: a pretensão de tudo conhecer. Alias, segundo esse pensador, é quando a própria razão reconhece seus limites que o homem está em contato com o absurdo da existência humana. Vê-se, desse modo, a ligação indissolúvel entre esses dois termos e, portanto, a importância da identificação de sua natureza para o desate do nó górdio proposto nesse projeto.

Na posse desses elementos, estaremos em condições de indicar o desenlace do problema posto nesse projeto, ou seja, se é condicional a relação entre o ato de abandono voluntário da vida e a percepção e consciência da absurdidade presente na relação entre o homem e o mundo.

## 6. CRONOGRAMA

| CRONOGRAMA DE ATIVIDADES   |                |        |        |        |        |        |        |
|--|----------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| ATIVIDADES   | ANO / SEMESTRE |        |        |        |        |        |        |
|  | 2017/1         | 2017/2 | 2018/1 | 2018/2 | 2019/1 | 2019/2 | 2020/1 |
| 1. Leitura sistemática e fichamento de ‘O Mito de Sísifo’ e de ‘O Estrangeiro’ | X              | X      |        |        |        |        |        |
| 2. Leitura das demais obras secundárias e fichamento                           | X              |        |        |        |        |        |        |
| 3. Cumprimento das disciplinas obrigatórias (4 créditos).                      | X              | X      |        |        |        |        |        |
| 4. Cumprimento das disciplinas optativas (4 créditos).                         | X              | X      | X      | X      | X      |        |        |
| 5. Cumprimento do componente curricular obrigatório “Seminário de Pesquisa I”. | X              |        |        |        |        |        |        |
| 7. Redação do projeto definitivo.  |                |        | X      |        |        |        |        |
| 8. Redação preliminar da dissertação.  |                |        | X      |        |        |        |        |

|   |  |   |  |   |   |   |   |
|---|--|---|--|---|---|---|---|
| 10. Redação parcial da dissertação.   |  |   |  | X | X |   |   |
| 11. Cumprimento do componente curricular obrigatório “Seminário de Pesquisa II”.    |  | X |  | X |   |   |   |
| 12. Cumprimento do componente curricular obrigatório “Exame de qualificação”.       |  |   |  |   |   | X |   |
| 13. Redação final da dissertação.   |  |   |  |   | X |   |   |
| 14. Cumprimento do componente curricular obrigatório “Defesa final de dissertação”. |  |   |  |   |   |   | X |

## 7. REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Metafísica* (I e II). Trad. Marcelo Perine, da versão italiana de Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2002. (vol. 2)

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. v. I, parte I. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

ALVES, R. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. 6a ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BARRETO, Vicente – *Camus, Vida e Obra*, editor: José Álvaro, Brasil.

BACHELARD, G. *A Filosofia do Não; O Novo Espírito Científico; A Poética do Espaço*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; Traduções de Joaquim José Moura Ramos... (et. Al.) – 2 ed., Os Pensadores – São Paulo, Editora Abril Cultural, 1984.

BAPTISTA, A. M. *O Discurso Pós-moderno Contra a Ciência: obscurantismo e irresponsabilidade*. Lisboa, Portugal. Ed. Grávida, 2002.

BERNAL, D.J., *Ciência na História. 1o Volume, Coleção Movimento*, No 5. Lisboa, Livros Horizonte, 1975a.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. Pg. 61.

BURTT, E. A. *As bases metafísicas da ciência moderna*. Tread. de José Viegas Filho e Orlando Araújo Henrique. Editora Universitária, Brasília, 1991.

CARVALHO, José Jackson Carneiro de. *Albert Camus: tragédia do absurdo*. João Pessoa: Ideia, 2009.

CAMUS, A. 1975, *The Myth of Sisyphus*. New York: Penguin

\_\_\_\_\_, Albert. *O mito de sísifo: ensaio sobre o absurdo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

\_\_\_\_\_, Albert. *O estrangeiro*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro : Record, 1997.

- \_\_\_\_\_, Albert. *O Estrangeiro*. Lisboa : Edição Livros do Brasil, 1997.
- \_\_\_\_\_, Albert. *Calígula / O Equívoco*. Tradução de Ersílio Cardoso. Lisboa : Edições Livrosdo Brasil, 1997.
- \_\_\_\_\_, Albert. *O primeiro homem*. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca & Maria Luiza Newlands Silveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- \_\_\_\_\_, Albert. *A morte feliz*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- \_\_\_\_\_, Albert. *O homem revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- \_\_\_\_\_, Albert. *Núpcias, o verão*. Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- \_\_\_\_\_, Albert. *Cadernos*. Tradução de Gina de Freitas. Lisboa : edição livros do Brasil, 1996.
- \_\_\_\_\_, Albert. *Cadernos II*. Tradução de Antonio Quadros. Lisboa : Edição livros do Brasil, 1996.
- CHALMERS, Alan, F., *O que é ciência, afinal?* Tradução de Raul Fiker, 1a ed. – São Paulo, Brasiliense, 1993.
- CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. 6a ed. São Paulo, Editora Ática, 1997.
- DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. Tradução: Maria E. Galvão. São Paulo, Editora Martins Fonte, 2000.
- DEWEY, J. *Human, Nature and Conduct: an indtroduction to social psychology*, New York: Prometheus Books, 2002.
- HUME, David. *Tratado da natureza humana*. (Tradução de Déborah Danowski) São Paulo: Editora Unesp e Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- MATHIAS, Z. Marcello. *A Felicidade em Albert Camus*. Ed. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro – RJ, 1975.
- OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. *A Revolta em Alber Camus*. Rio de Janeiro: Booklink, 2001.
- PLATÃO, *A república*; tradução de Maria Helena da Rocha Pereira – 13ª ed- Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2012.
- PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SANTOS, B. S., *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro, Graal, 2003.
- TODD, Oliver. *Albert Camus - Uma Vida* - Tradução de Monica Stahel. Ed. Record, 1988.